



**Vanessa de Castro Boanada**

**Ironias da Pós-modernidade:**

**A ação estratégica dos movimentos indígenas através do litígio internacional.**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. André de Mello e Souza

Rio de Janeiro

Julho, 2009



**Vanessa de Castro Boanada**

**“Ironias da Pós-Modernidade: a ação estratégica de movimentos  
indígenas através do litígio internacional”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção  
do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em  
Relações Internacionais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão  
Examinadora abaixo assinada.

**Prof. André de Mello e Souza**

Orientador

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Prof. José María Gómez Luis**

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

**Prof. Guilherme Leite Gonçalves**

Fundação Getulio Vargas – FGV-Rio

**Prof. Nizar Messari**

Vice-Decano de Pós-Graduação do  
Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 11 de julho de 2009.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Vanessa de Castro Boanada**

É bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Trabalha como pesquisadora do Observatório Político Sul Americano (OPSA) no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e é tutora em Sociologia das Instituições Jurídicas na Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas.

### Ficha Catalográfica

Boanada, Vanessa de Castro

Ironias da pós-modernidade : a ação estratégica dos movimentos indígenas através do litígio internacional / Vanessa de Castro Boanada ; orientador: André de Mello e Souza. – 2009.

213 f. : il.(color.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Relações internacionais – Teses. 2. Teoria de sistemas – Niklas Luhmann. 3. Conflito. 4. Protesto. 5. Movimento indígena. 6. Sarayaku. 7. Ativismo internacional. 8. Procedimento. 9. Organizações internacionais – Sistema interamericano. I. Souza, André de Mello e. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD: 327

*Aos meus pais, Regina e Sergio,  
por discordarem frequentemente,  
mas apoiarem sempre.*

## Agradecimentos

A minha família, pela cooperação e, principalmente, apoio emocional.

Ao Instituto de Relações Internacionais. Em especial ao meu orientador, André de Mello e Souza, pelo empenho dedicado a concretização deste trabalho. Ao professor e coordenador Nizar Messari pelo apoio institucional e moral em diversos momentos difíceis ao longo dos últimos anos. Ao Professor Pedro Cláudio Cunca Bocayuva com quem tive a sorte de realizar estágio docente e ter conversas muito construtivas e que contribuíram em muito para o desenho do projeto desta pesquisa. A toda a equipe administrativa e, em especial, Natacha Castellanos, que trabalharam para viabilizar as atividades de todos os alunos e professores. À minha turma, que tornou o mestrado um momento agradável da minha vida e exemplo de cooperação acadêmica. Em particular, lembro da amiga Moema Vieira pelo apoio e disposição em revisar partes deste trabalho.

À Capes e à PUC-Rio pelo apoio financeiro e auxílios concedidos para a realização deste trabalho.

Ao professor de Sociologia das Instituições Jurídicas da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, Guilherme Leite Gonçalves, que além de contribuir com praticamente todo o seu acervo de livros sobre a teoria de sistemas de Niklas Luhmann, ainda discutiu e criticou diversos pontos teóricos deste estudo.

Ao Observatório Político Sul-Americano, aos meus colegas de trabalho e coordenadores pela torcida e troca de idéias.

Na American University: a Claire Shoolin pela recepção e atenção aos pesquisadores-visitantes e aos professores Antônio Augusto Cançado Trindade e Patrick van Weerelt pelas aulas de direitos humanos e suas aplicações a programas de desenvolvimento.

A todo o Povo Sarayaku, muito obrigada por me receberem e por me deslocarem da posição de observadora à desconfortável posição de observada e, assim, me fazerem recordar constantemente de tratar a realidade alheia com respeito e cuidado. Em especial, agradeço à receptividade do presidente Dionicio Machoa e de Zenaide, secretária e guia muito atenciosa, além dos entrevistados Hernandez, Franco Viteri, José Gualinga e Mário Viteri.

Aos ativistas, pesquisadores, jornalistas e professores que indiretamente contribuíram com contatos, entrevistas e indicações bibliográficas: Deborah Yashar, James Cavalaro, Tara Melish, Hana Boye, Cecília Naddeo, Terry Karl, Fernando García e Xavier Andrade (FLACSO), Leonardo Viteri (CONAIE), Mário Melo (Fundação Pachamama), a Alexandra Almeida (Acción Ecológica) e a Diego Sherriff (CGC).

Sou muito grata também a minha tribo, unidos por eleição, simplesmente pelo fato de existirem e por torcerem em mais um momento: Breno, Bibs, Cuks, Digo, Gote, Karen, Ighor, Laurinha, Livia, Raphaéis, Veros e Marcus, para mencionar alguns.

## Resumo

Boanada, Vanessa de Castro; Souza, André de Mello (Orientador). **Ironias da Pós-Modernidade:** a ação estratégica de movimentos indígenas através do litígio internacional. Rio de Janeiro, 2009. 213p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação “Ironias da Pós-modernidade: A ação estratégica de movimentos indígenas através do litígio internacional” apresenta, a partir do conceito de conflito da teoria social de Niklas Luhmann, um estudo de caso sobre a ação internacional de uma tribo indígena desde a origem local do conflito até sua transposição a fóruns internacionais com a formação de redes de solidariedade. Trata-se do estudo do caso do Povo Sarayaku, no Equador, que resiste há 30 anos à exploração petrolífera em seu território ancestral e que logrou transpor suas demandas ao Sistema Interamericano de Direitos Humanos. O estudo evidencia a utilização estratégica de procedimentos e de mobilização social na forma de movimentos de protesto como mecanismos específicos de contenção do risco de um conflito aberto e generalizado. Finalmente, o estudo tem como objetivo observar os efeitos destes mecanismos em relação às expectativas iniciais do referido povo.

## Palavras-Chave

Teoria de sistemas – Niklas Luhmann; Conflito; Protesto; Movimento Indígena; Sarayaku; Ativismo Internacional; Procedimento; Organizações Internacionais – Sistema Interamericano (Corte Interamericana de Direitos Humanos; Comissão Interamericana de Direitos Humanos).

## Abstract

Boanada, Vanessa de Castro; Souza, André Mello (Advisor). **Post-modernity ironies:** indigenous movements' strategies of international litigation. Rio de Janeiro, 2009. 213p. MSc. Dissertation - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The dissertation “Post-modernity ironies: Indigenous movements strategies of international litigation” shows, drawing from the concept of ‘conflict’ on Niklas Luhmann social theory, a case study on the protests of an indigenous tribe, from the beginning of the conflict, since its local origins, until the its internationalization, with the formation of nets of solidarity. The case under analysis refers to the Sarayaku People, in Ecuador, which have been resisting for almost 30 years against oil exploitation in its ancestral land and has been successful in taking its protest to the Inter-American System of Human Rights. The study highlights the strategic use of procedures and social mobilization (taking the form of protest movement) as mechanisms for the contention of the risks of a generalized and open conflict. Finally, the study intends to observe the effects of those mechanisms in relation to the original expectations of the Sarayaku People.

## Keywords

Systems theory – Niklas Luhmann; Conflict; Protest; Indigenous Movements; Sarayaku; International Activism; Procedures; International Organizations – Inter-American System (Inter-American Court of Human Rights; Inter-American Commission of Human Rights).

## Sumário

Prólogo	13
1	
Introdução	14
2	
O Conflito Social na Teoria dos Sistemas – uma breve consideração teórica	25
2.1. Sociedade, Diferenciação Funcional e Conflito	26
2.2. Expectativas sociais	30
2.3. O Sistema Jurídico e a coordenação de expectativas normativas e cognitivas	34
2.3.1. Dimensão temporal das expectativas: o conceito de norma	35
2.3.2. Dimensão material: os princípios de identificação	36
2.3.3. Dimensão social das expectativas: a institucionalização	38
2.4. O Conflito e a Evolução	40
2.4.1. Procedimento	41
2.4.2. Movimentos de Protesto	46
2.4.2.1. O Movimento de Protesto como um sistema de tipo próprio	48
2.4.2.2. A Forma do Movimento	50
2.4.2.3. Conteúdo do Movimento	53
2.4.3. A função do protesto	55
2.5. Em resumo	58
3	
Estruturas sociais e identidades indígenas	60
3.1. O Encontro da Diversidade	64
3.1.1. Dados sobre a população indígena na América do Sul	70
3.1.2. A modernidade na Amazônia	73
3.1.3. As contradições da modernidade – a segunda colonização e os conflitos sócio-ambientais	76
3.2. A esquizofrenia do Estado – crise de legitimidade	81



3.2.1. Democracia e Neoliberalismo	81
3.2.2. A formação das redes indígenas trans-comunais e internacionais	88
3.2.3. Quadro normativo: os direitos dos Povos Indígenas	91
3.2.4. O movimento indígena no Equador	94
3.3. Conclusão do capítulo	96
4	
Estudo: Povo Sarayaku v. Equador – um caso de expectativas irreconciliáveis	100
4.1. Conflitos entre expectativas normativas	101
4.1.1. Antecedentes Domésticos	102
4.1.2. O conflito de normas no dia-a-dia	108
4.1.2.1. Adotando uma estratégia jurídica	109
4.1.2.2. O processo jurídico doméstico	113
4.1.2.2. Impactos Sociais	114
4.1.2.3. A escalada do conflito	117
4.2. Expectativas incompatíveis: um resumo da posição das partes no conflito	121
4.2.1. Impossibilidade de reestruturação de expectativas	122
4.2.2. Debilidades do procedimento doméstico	123
4.3. Transposição do conflito ao cenário internacional	127
4.3.1. Formação de Redes de Solidariedade	128
4.3.2. A demanda no Sistema Interamericano de Proteção aos Direitos Humanos	130
4.3.3. Interpretações da Comissão e da Corte Interamericanas diante de novos contextos	134
4.4. Impactos da demanda do Povo Sarayaku	139
4.5. Conclusão do capítulo	145
5. Conclusão	149
Post scriptum	155
6. Referências	156
7. Apêndice	164
8. Anexos	168

## **Lista de Tabelas e Figuras**

Tabela I: Populações Indígenas na América do Sul	72
Tabela II: Correlação etnia indígena e pobreza	73
Tabela III: Medidas de Caráter Neoliberal no Equador	86
Tabela IV: Custo Social das Medidas de Caráter Neoliberal	87
Tabela V: Acordos Internacionais sobre direitos dos povos indígenas	91
Quadro: Transposição da demanda Sarayaku do local ao internacional	130

## Manifesto antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.  
 Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De  
 todas as religiões. De todos os tratados de paz.  
 Tupi, or not tupi that is the question.  
 Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.  
 Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.  
 Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o  
 enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.  
 O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A  
 reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.  
 Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade,  
 pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.  
 Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era  
 urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.  
 Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.  
 Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade  
 pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.  
 Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas  
 eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos  
 do homem.  
 A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.  
 Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural.  
 Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e  
 ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.  
 Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia.  
 Ou em Belém do Pará.  
 Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.  
 Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto  
 dissera-lhe : ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar  
 brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.  
 O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina  
 antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.  
 Só podemos atender ao mundo orecular.  
 Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A  
 transformação permanente do Tabu em totem.  
 Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é  
 dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o  
 esquecimento das conquistas interiores.  
 Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.  
 O instinto Caraíba.  
 Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu.  
 Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.  
 Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.  
 Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de  
 Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.  
 Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti  
 Imara Notiá  
 Notiá Imara  
 Ipeju\*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens  
 dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.  
 Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da  
 possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.  
 Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

*Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado.  
Sem Napoleão. Sem César.*

*A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os  
transfusores de sangue.*

*Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.*

*Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de  
Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.*

*Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque  
somos fortes e vingativos como o Jabuti.*

*Se Deus é a consciênda do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.*

*Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição.  
E um sistema social-planetário.*

*As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o  
tédio especulativo.*

*De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.*

*O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas+ fala de imaginação +  
sentimento de autoridade ante a prole curiosa.*

*É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava.  
Porque tinha Guaraci.*

*O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?*

*Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.*

*Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D.  
Antônio de Mariz.*

*A alegria é a prova dos nove.*

*No matriarcado de Pindorama.*

*Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.*

*Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas.*

*Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos  
instrumentos e nas estrelas.*

*Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.*

*A alegria é a prova dos nove.*

*A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem  
e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modusvivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro.*

*Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites  
conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os  
males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual.*

*É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade.*

*Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa  
antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste  
dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.*

*Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho  
fundador de São Paulo.*

*A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa  
coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o  
espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.*

*Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem  
loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.*

OSWALD DE ANDRADE

Em Piratininga

Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha

(Revista de Antropofagia, Ano I, No. 1, maio de 1928.)